

VINGAR COM A PALAVRA: O QUE PODE NOSSA GEOGRAFIA ESCREVER?

Flourish with the word: what can our geography write?

Fernanda de Faria Viana Nogueira

Doutoranda em Geografia; Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP, Brasil;
E-mail: F262924@dac.unicamp.br

RESUMO

No enlace com a literatura feita por mulheres pude ver e sentir vingar uma geografia que não se distanciava da vida, das nossas vidas. Por isso, com uma vida que se vive no ato de escrever, brinco, a partir de Annie Ernaux e Conceição Evaristo, com o sentido do verbo vingar para trazer a ambiguidade de nossas experiências. Com a palavra vingamos: nascemos, subvertemos, reivindicamos nossas existências. Nesse movimento, reconhecemos nosso laço mais íntimo, aquele que é feito a partir da relação entre o mundo e nossos corpos. Escrevivência nomeia essa escrita que se abre como caminho plural de entendimento de uma escrita que não se aparta da vida, não se faz sem um lugar, sem uma geografia. Neste trabalho, portanto, a Geografia ganha outros contornos, interrogações que dão impulso de possibilidade para (re)escrevermos o mundo.

Descritores: Literatura; Experiência de Vida; Mulheres; Corpo Humano.

ABSTRACT

In my connection with literature by women, I was able to see and feel the revenge of a geography that was not far removed from life, from our lives. Therefore, with a life that is lived in the act of writing, I play with Annie Ernaux (2023) and Conceição Evaristo (2024) with the meaning of the verb flourish to bring out the ambiguity of our experiences. With the word vingamos: we are born, we subvert, we claim our existences. In this movement, we recognize our most intimate bond, the one that is made from the relationship between the world and our bodies. Escrevivência names this writing that opens up as a plural way of understanding a writing that is not separate from life, that is not made without a place, without a geography. In this work, therefore, Geography takes on new contours, questions that give impetus to the possibility of (re)writing the world.

Keywords: Literature; Life Change Events; Women, Human Body.

I. Uma doce vingança

O verbo vingar na língua portuguesa pode apresentar diversos significados. Subir, galgar, tirar desforro ou desforço de alguém ou de alguma coisa, de uma situação. Quando criança aprendi que vingança não era algo bom, pois se atrelava a um imaginário de devolver algo ruim, pior a algo que nos feito por alguém. Menos usualmente, e por isso também tardiamente, aprendi que vingar também pode aparecer enquanto sentido de existência, de sobrevivência. Quando uma planta começa a tomar força e fincar suas raízes no solo para crescer, por exemplo, podemos dizer também que essa planta vingou.

Comecei a pensar na ambiguidade desse verbo desde que li o discurso de premiação da escritora francesa Annie Ernaux, na Conferência do Nobel de Literatura em 2022. O título de seu discurso “Vingar a minha raça”, presente na obra “A escrita como faca e outros textos” (2023), acendeu em mim essa vingança que nasce amalgamada na literatura.

Ernaux (2023) nos coloca que com sua escrita sempre quis revelar as interdições de gênero e classe, fazendo com que a partir disso pudesse reivindicar não somente a sua existência, mas de toda uma coletividade que também se encontra na experiência de uma clausura estrutural marginalizante. Com isso, a escritora nos coloca que a escrita como denúncia, essa que, subvertendo a ordem imposta, se vinga. Nesse movimento, nasce de novo, ganha forças e inaugura um novo mundo, vingando-se.

Em 2024, na sua posse da Academia Mineira de Letras, a escritora Conceição Evaristo encerra seu discurso inaugural dizendo que sua presença naquela casa, assim como sua escrita, poderiam ser colocadas como um ato de “uma doce vingança”. Anteriormente aquela rua da cidade em que nasceu era morada dos patrões de sua mãe, marcando uma infância que reverberava um futuro inalcançável, naquele momento, como uma vingança doce que subverte o amargo do passado, as margens eram extrapoladas e davam lugar ao nascedouro da posse primeira mulher negra na Academia Mineira de Letras.

Ambas escritoras, situadas em tempos-espacos e situações completamente distintas reivindicam para si, num gesto que ecoa em outros e outras, a vingança de suas existências com e a partir das palavras. Em uma escrita do corpo e com corpo essa literatura assume a experiência como centro, partindo do sentido que a escrita é por si, uma experiência de vingança, de poder ser, de renascimento que ao reivindicar o reconhecimento de suas experiências enquanto mulheres, estão a clamar também por um mundo, por uma reescrita desse enlace incorruptível: quando existimos, existimos em algum lugar.

Pensando nisso, ressoa em mim que nossas geografias estão sendo escritas e reescritas em todo momento, na possibilidade da escrita dessas e de outras mulheres, e por isso me sinto convocada a pensar e também fazer vingar uma ciência que se compromete em e com sua escrita, não se apartando desse movimento de potência de (re)escrever o mundo em que nossas geografias se fazem.

Para tal tarefa, alço um voo de cumplicidade entre a literatura da escrevivência e as minhas geografias que, nessas palavras, que só existem com e a partir de outras mulheres, busco contribuir para uma construção de uma Geografia sobre a qual escrevo e me inscrevo.

II. A escrita como imperativo de um nós

Gosto de ouvir, mas não sei se sou a hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. E, quando de mim uma lágrima se faz mais rápida do que o gesto de minha mão a correr sobre meu próprio rosto, deixo o choro viver. E, depois, confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar. Portanto estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se con(fundem) com as minhas. Invento? Sim, invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração de fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência (Evaristo, 2020, p.8).

Quando me foi colocada a ideia e comecei a pesquisar a literatura feita por mulheres, quase que imediatamente quis recuar. A literatura sempre ocupou um espaço encantado na minha vida, de possibilidade e liberdade para o enfrentamento das mais diversas questões. Hoje olho para trás, vejo que foi o engajamento na literatura e, principalmente na literatura feita por mulheres, que me fez começar a escrever – e aqui temos um longo caminho de uma escrita só minha, até chegar aqui hoje, no que escrevo para vocês.

É importante que saibam: esse escrito nasce de uma pesquisa de doutorado que também é sobre mim e sobre os passos que dei com outras mulheres escritoras que escreveram e viveram. Escrevientes. Como não solapar isso ao pesquisar e me comprometer com o processo científico? Quais seriam as minhas contribuições para uma Geografia, essa que, com “G” maiúsculo sempre também esteve comprometida com a exclusão das mulheres e de sua relação com o mundo? A exclusão dessa relação, ou seja, dessa geografia com “g” minúsculo, mas tão

irremediavelmente presente no viver e no escrever (Silva, 2020). Vida e escrita estabeleciam, nessas primordiais investigações, como um quiasma.

Fui descobrindo, portanto, que o que faziam essas mulheres que escreviam, e com as quais eu queria me aproximar a partir da pesquisa, era mesmo um compromisso com elas, com os leitores e as leitoras, da escrita com a vida, ou de uma escrita da vida. Uma comunhão bendita, como colocou Lygia Fagundes Telles (2020), em um entre que se perfaz também com a memória do que aconteceu e o que de fato aconteceu.

Vale lembrar que o ato de escrever, o ofício de escritora, por muitas vezes – e até mesmo os dias de hoje – foi ora impossibilitado para as mulheres, ora também colocado como um critério de inferioridade. “Simone de Beauvoir não era filósofa, era apenas uma escritora”, eles diziam. E o pior: uma escritora que escrevia sobre mulheres. O que Beauvoir com muito orgulho defendia: sim, não queria ser filósofa, era, antes de tudo, escritora (Beauvoir, 2020).

Há quantos séculos as mulheres consideram legítimas as representações que uma literatura majoritariamente masculina faz dos homens e das mulheres, do mundo? Os homens, por sua vez, precisam fazer esse esforço de admitir que as representações de uma literatura feita pelas mulheres são tão “universais” quanto as deles, o que certamente vai levar tempo... Pois vários romances masculinos atuais não veiculam mais estereótipos sobre as mulheres, que se tornaram óbvios demais, e sim uma afirmação tranquila do poder e da liberdade dos homens, de sua competência – e apenas deles – para afirmar o que é universal. As formas mais explícitas desse falocentrismo não são necessariamente piores; há algumas bem agradáveis que não são percebidas, de tão imiscuídas que estão nas maneiras mais enraizadas, resistentes, de pensar e de sentir das pessoas, incluindo as mulheres (Ernaux, 2023, p.99).

Aos homens a escrita, inclusive sobre a vida das mulheres, nunca esteve interditada. Ao contrário, como dito anteriormente, em mundo regido pelo patriarcado as mulheres não podiam e não deveriam escrever, pois reiterava-se a verdade de que só aos homens pertenciam o mundo. Por isso, quando escrevemos também reivindicamos o mundo e, por consequência, nossas existências.

Em toda essa investigação, ao mergulhar na escrita-vida de mulheres escritoras que desafiaram a lógica imposta, me deparei com muitos nomes, conceitos e ideias que buscavam

traduzir essa experiência entre o viver e escrever. Mas, foi com Conceição Evaristo que o caminho em minha perspectiva até aqui pode ser devidamente alargado e posto em movimento.

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 1946. De família pobre, migrou para o Rio de Janeiro na década de 1970. Graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, trabalhou como professora da rede pública de ensino da capital fluminense. É Mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, com a dissertação *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (1996), e Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense, é dela a ideia de escrevivência. O mergulho mais profundo dessa biografia acontece com objetivo de marcar aqui a importância da autoria que trouxe muito sentido a esse trabalho que se faz no enlace das nossas geografias pela literatura de quem escreve a vida.

Escrevivência, como coloca a própria Conceição Evaristo, não foi pensada enquanto um conceito, mas sim enquanto uma possibilidade de escrever sobre a sua realidade e a realidade do povo negro do Brasil: “escrever é uma forma de sangrar”. Escrever e viver se perfazem nos poros, nas fissuras que a experiência, e, aqui, experiência das mulheres que escrevem se fazem (Evaristo, 2020).

Em tempos diferentes, mas inevitavelmente juntas, Clarice Lispector e Conceição Evaristo escreveram que a aprendizagem da escrita está no mundo-vida em que estamos, vivemos e observamos. É a partir de um sempre inegociável “nós” que se inscreve, portanto, a literatura e a geografia na qual e pela qual me inscrevo, escrevo e persigo. Mas tenho me perguntado: que Geografia é essa?

Os encaminhamentos que aqui tento fazer são frutos de bruscos e, ao mesmo tempo, lentos despertares, travessias que se inserem e escrevem meu corpo. Sim, esse corpo que por muito tempo – e ainda hoje por muitas vezes – quis escrever textos outros, se distanciar propriamente da carne que era e se fazia. Será que é possível alguém escrever o texto do outro? Quem foi que nos convenceu disso?

Enganei-me quando pensei e tentei não expor ao escrever e o que estava encoberto era justamente o que me parava, em que o texto não mais se escrevia. Sem corpo não há texto. Vi e senti que a substância do vivido é o que possibilita a palavra.

Comecei a ouvir e me debruçar também na voz de outras mulheres: Simone de Beauvoir, Annie Ernaux, Igiaba Scego, Lina Meruane, Fernanda Cristinade Paula, Liniker, Linn da Quebrada, Maíra Ferraz, Beatriz Santos, Mayara Sibinelli, Jamille Lima-Payayá, Tais Teixeira, Lucia Helena Gratão, Laura Arruda, Ana Patrícia Viana, Carolina Viana.. “sua cabeça pensa a partir do lugar onde estão fincados os seus pés” (Evaristo, 2017).

A epifania da voz outra me fez entender o quão significativo eram essas outras histórias a partir e com a ressonância do que em mim causavam, entendendo esse movimento também como possibilidade de unidade – e a isso, Conceição Evaristo, chamou de uma geografia afetiva.

Escrever a vida, não a minha vida. Qual a diferença?, podem perguntar. A diferença é considerar o que aconteceu comigo, o que acontece comigo, não algo único, incidentalmente vergonhoso ou indizível, e sim um material a ser observado a fim de entender, de revelar uma verdade mais geral. Desse ponto de vista, não existe o que é chamado de “íntimo”, há apenas coisas que são vividas de maneira singular, particular – é com você, e não com outra pessoa, que as coisas acontecem -, e a literatura consiste em escrever essas coisas pessoais de um modo impessoal, tentar atingir o universal, fazer aquilo que Jean Paul-Sartre chamou de “singular universal”. Só assim a literatura “rompe com solidões”. Só assim as experiências da vergonha, da paixão amorosa, do ciúme, do tempo que passa, dos entes queridos que morrem, todas essas coisas da vida, podem ser compartilhadas (Ernaux, 2023, p.171).

Aprofundando, alargando, ampliando sentidos, o ato de escrever extrapola o sujeito individualizado. Não há aqui tentativa de separação ou busca por um mundo apartado. Há, no entanto, a perseguição da carne da palavra que nunca poderia estar separada de um “nós”. Não há como andar e ter andado só e nisso existe também um chamamento para Responsabilidade (Lévinas, 2014).

Mas, como construir esse “nós”? Como aproximar-se dessas outras mulheres com distintas realidades e experiências vividas? Tenho desvelado uma abertura que se impõe como imperativo para mulheres que antes de mim vieram: a palavra. A palavra não como clausura ou como tentativa de esquadriamento, uma padronização do que vivemos ou do que foi vivido, mas que se faz como compromisso de aproximação. Mergulhando em Lévinas (2014), através

do sentido que atribui Lima-Payayá (2019), busco aqui trazer essa escrita e esse dizer como uma forma de tecer uma intriga de Responsabilidade. Como coloca Evaristo (p.18, 2020) é no: “[...] cumpliciado com a vivência de quem narra, de quem escreve; mas, ao mesmo tempo em que o sujeito da escrita apresenta em seu texto a história do outro, também pertencente a sua coletividade.”

Acredito que esse possa ser um caminho para olharmos para essa geografia que inaugura e carrega consigo o esforço da experiência, do corpo, do que essa carne vive no mundo, e, por isso, escrever. Escrever como uma reivindicação do mundo, de todos os mundos que pertencem e foram criados por essas escrevientes. Escrever como ponte para chegar ao outro. Escrever para reescrever o que ficou na carne.

III. Ao nomear e escrever ou propor essa Geografia olha-se ou mergulha-se na vida

Escrever é sair de um silêncio imposto, mas a um só tempo, jamais vivido inteiramente por nenhuma mulher na história. Afirmo isso, pois em insubmissas lágrimas, nos cambaleantes passos, nos mais apavorantes e felizes dias os nossos corpos estavam a gritar ou sussurrar vida (Evaristo, 2020).

A grafia que aqui se estabelece é dessa vida, da construção de mundos que nos adentram de tantas formas e maneiras diferentes. Escrever é também sonhar e fabular, escrever sobre outros futuros que nascem para além das violências. Eu persigo a literatura da vida. A escrita da vida das escrevientes que me permitiram existir, por isso aqui também, vingar. Vingar existindo no mundo pelo qual faço minhas geografias, e escrevo-as num ato de rompimento com esse silêncio, com o futuro imposto que repete e condena a mulher sempre ao seu passado (Beauvoir, 2016).

Escrever é o lugar da diferença. Diferença essa que por muito foi mascarada como uma imposição por homens, paradoxalmente, também negada as mulheres por eles, nos colocando e nos encerrando em clausuras existenciais. Mas o vir-a-ser se concretiza a cada instante da vida. A literatura se encarna porque ela é através de uma pessoa. Escrever é, dessa maneira, uma maneira de sangrar, expurgar o que se vive no acontecimento da vida, do que se vive também enquanto se escreve.

Olho e reivindico, nomeando essa ação que me permite abrir caminhos para uma Geografia outra, uma Geografia que se escreve e se insere na carne porque persegue o que foi e o que é vivido. Desse ponto de partida não há outra maneira de deixar sangrar essa ferida, o

acontecimento que se faz nesse trabalho: escrever é um mergulho no mundo, no corpo-mundo que por tanto tempo tentaram separar de nós. Tornar-se é cumprimento estabelecido a partir de tessituras existenciais que só se fazem a partir de um nós. Persigo essa Geografia encarnada que antes de qualquer domínio é interrogação, abertura (Evaristo, 2020; Paula, 2017).

Esse fazer da escrita, destarte, só pode fazer-se genuinamente em movimento, o que Elena Ferrante (2023) encara como manifestação que precede o desvanecimento. Manifestar na escrita, para a autora, ganha mesmo o sentido literal da palavra, se realizando pelas mãos que em um movimento fugidio, tenta mergulhar no presente, que letra após letra também se realiza como passado – estamos sempre em movimento no momento que escrevemos, escrever é também viver. Na minha carne, vida e escrita se estabeleciam como um quiasma.

Assim, a literatura sempre fez parte da minha geografia. Mas não só da minha. No movimento constante de entendimento do que eu queria construir e como gostaria de contribuir para o corpo literário que não se separa do saber geográfico, também entendi que era partindo com outras que a dualidade e a separação entre Ciência e Arte, Geografia e Literatura, corpo e mente, poderiam em um só tempo, serem escancaradas e dissolvidas. É na interlocução com outras escrevientes é que ganho a coragem e o impulso necessário para acreditar na urgência de uma escrita da vida, com vida, uma escrita que ao se fazer, é também vida.

Há, portanto, nesse trabalho a tentativa de um retorno também reinventado a uma Geografia que nasce também com a escrita, como forma de descrever o mundo em que vivemos, não se separando do fazer criativo da Arte, mas reconhecendo sua gênese amalgamada nela, atesta a inseparabilidade que há nesse encontro que se aflora entre nossas geograficidades e um fazer literário (Oliveira & Marandola Jr., 2009).

A potencialidade do reconhecimento de um fazer científico geográfico que se entrelaça e não ausenta do compromisso com o corpo é um imperativo que quero perseguir enquanto proposta de construção de escrita, e, além, de uma escrita que faz parte da Geografia.

“A gente combinamos de não morrer” é o que diz um dos personagens de Conceição Evaristo, frase que ficou famosa como um símbolo de resistência entre os movimentos sociais. Frase essa que também por muitas vezes é grafada de forma a “corrigir” o que consideram um erro gramatical, desrespeitando a oralidade e o ritmo que Evaristo reivindica a partir da vida que impera em cada um de seus escritos.

Escritoras como Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo bravamente fazem da sua literatura testemunho do que diz Evaristo (2018). Não morreram. Ao se aproximarem da escrita reivindicam também o corpo, a tomada de outra narrativa que inclusive lhes dá o poder de fabular outros futuros que abrem caminhos. O corpo, portanto, também se faz presente nessa escrita, que encarnada, retoma a própria existência que é negada às mulheres.

É preciso que a mulher se escreva: que a mulher escreva sobre a mulher, e que faça as mulheres virem à escrita, da qual elas foram afastadas tão violentamente quanto foram de seus corpos; pelas mesmas razões, pela mesma lei, com o mesmo objetivo mortal. É preciso que a mulher se coloque no texto - como no mundo, e na sua história -, por seu próprio movimento. Não é mais possível que o passado faça o futuro. Eu não nego que os efeitos do passado ainda estejam aqui. Mas eu me recuso a consolidá-los, repetindo-os; concedendo a eles uma inamovibilidade equivalente a um destino; confundindo o biológico e o cultural. É urgente antecipar (Cixous, 2022, p. 41-42).

É como possibilidade de vida, de outra construção de um futuro, de transcendência, que a ação de escrever amalgamada a vida, a experiência de estar no mundo, é que essas mulheres rasgam com os dentes as palavras que antes lhes eram como cárceres. Como encontramos em Audre Lorde (2019), a escrita não pode ser um luxo para as mulheres, pois como possibilidade de uma forma de investigação íntima que dá poder às nossas vidas, abala as estruturas de um pensamento puramente racionalista europeu, dando origem e espaço para experiência para além de “um jogo estéril de palavras”.

Importante frisar que não se trata de assumir estereótipos e defender aqui uma literatura essencialmente feminina, como se fosse possível existir um texto único feito por mulheres e direcionado apenas a mulheres. O que queremos aqui é a construção de uma outra literatura, aquela que extrapola aquela feita pelos homens, que sendo universais e regra, nunca foi marcada com um nome, mas sempre teve a possibilidade de ser narradora de tudo. Ao final, os homens sempre puderam escrever sobre o mundo.

[...] não gosto de aparecer sob a rubrica de “escrita feminina”. Não existe na literatura uma categoria intitulada “escrita masculina”, isto é, associada ao sexo biológico ou ao gênero masculino. Falar de escrita feminina é tornar, na prática, a diferenciação sexual – e apenas para as mulheres – uma característica fundamental tanto da criação quanto da recepção: uma literatura de mulheres para mulheres. Existe uma literatura assim, ela grassa nas revistas femininas [...] e se alimenta de estereótipos (Ernaux, 2023, p.93).

Essa feitura com as palavras que busco adentrar atuam como fuga e rompimento com a escrita que não assume corpo, não assunta a vida enquanto compromisso encarnado. À completa revelia disso, trato da busca pela fissura, pela rasura e também pela reescrita da palavra que há tanto nos foi interditada (Ernaux, 2023).

IV. Uma Geografia que só vinga com o corpo

O corpo que me permitiu viver, escrever, estudar, brincar, cair e hoje ainda ter as tantas cicatrizes que ainda carrego nos joelhos é, ao mesmo tempo, esse que aqui está e a tudo isso se submeteu e subverteu, sendo outro e ainda assim, sempre com a memória e marcas também do que foi.

Esse ato de coragem e curiosidade para deslindar a vida, em um convite para essa eterna, embora temporalmente, marcada dança é o que me permite dizer sobre a geografia, sobre as minhas geografias, que em uma relação visceral com o mundo que nos atravessa é mesmo, como propõe Tuan (2013), uma ciência que deve se dispor a estudar a Terra como lar das pessoas. Entendendo que o corpo constitui esse lar primeiro que habitamos em construção nessa Terra, desde o chão que pisamos, é essa geografia que recupero, construo e encontro os motivos para escolher. A Geografia que escolho, portanto, é a constituída por geograficidades, por essa relação inegociável e indissociável entre corpo e mundo.

Encarei de frente e pude nomear, ouvir serem nomeadas as violências que eu e diversas outras mulheres vivenciavam. Fomos, com isso, desvelando essa geografia afetiva, no entanto sempre fora e excluída de qualquer texto ou ideia que se denominava acadêmica. Esse distanciamento também por muito tempo parecia me proteger. Sem exposição, nem lembranças, sem um corpo, essa escrita nunca me faria lembrar da vida, dessa vida que por tantas vezes me

agregava o peso de um sofrimento pelo simples fato de existir no mundo da maneira que sou e busco ser.

Nesse processo, vi que também essas dores eram de muitas outras mulheres e o sentir coletivo era paradoxalmente uma fonte de fortalecimento e dor. Estar nesse corpo parecia ser uma sentença a obedecer a um destino único para vida: a violência, subordinação, a falta. As palavras, que por tanto tempo foram meu refúgio, agora pareciam ser uma armadura que ao mesmo tempo que protegiam, também interditaram minha existência.

O fazer geográfico, pesquisar, ensinar geografia, pareciam mesmo ganhar contornos para longe de quem eu fui e sou, na tentativa de uma escrita desencarnada e de separação para com o mundo que me constitui e cerca. Como coloca bravamente Oyewumi (2021, p.4), esse apartamento era mesmo circunscrito no contexto científico ocidental como algo a ser buscado por aqueles que intentavam fazer parte de um pensamento científico:

O foco preferido tem estado na mente, elevada acima das fraquezas da carne. No início do discurso ocidental, surgiu uma oposição binária entre corpo e mente. O tão falado dualismo cartesiano era apenas uma afirmação da tradição na qual corpo era visto como uma armadilha da qual qualquer pessoa racional deveria escapar. [...] A “ausência do corpo” tem sido uma pré-condição do pensamento racional. Mulheres, povos primitivos, judeus, africanos, pobres e todas aquelas pessoas que foram qualificadas com rótulo de “diferente”, em épocas históricas variadas, foram consideradas como corporalizadas, dominadas, portanto, pelo instinto e pelo afeto, estando a razão longe delas. Elas são o Outro e Outro é um corpo.

Parecia sempre existir um controle, uma tentativa de estabelecer um dentro e fora fantasmagórico, que em verdade nunca existiram ou existiram de forma dual, separada. O corpo que fazia ciência e o corpo que vivia, que encarava a escrita como arte e busca de apreensão pelo mundo eram um só.

Qual o sentido da palavra em uma Geografia que busca se desprender do corpo e dominá-lo por completo? Talvez nesse momento eu não iria poder responder o porquê da Geografia. Mas, se hoje de alguma forma sei, é porque esse caminho há algum tempo se abriu mostrando-se através de muitas pessoas que entendiam a relação indissociável do corpo com o

mundo, e sendo a escrita também constituinte desse corpo e se dando somente com e a partir de um corpo, entendo-a também como indissociável do mundo e de um fazer geográfico.

Não é sozinha que refaço e busco reestabelecer uma contribuição para uma Geografia que está aberta e se faz com o corpo. O rompimento reivindicado pela crítica que nasce com as teorias feministas, estudos culturais e pós-coloniais foram e são catalisadores da possibilidade de construção de uma Geografia que não exclui e não se aparta de nossas geografias.

A postulação por uma escrita e uma ciência que não se distanciam da vida já fora feita, mesmo que por muitas vezes de forma não explicitamente nomeada, por intelectuais como Simone de Beauvoir, Donna Haraway, bell hooks, Edward Said, Audre Lord, Judith Butler, Maria Lugones, dentre outros.

Escolho e quero a Geografia pela possibilidade de estar presente nessa relação. A abertura que permeia os poros, se alastra e me traz mais interrogações do que respostas e conceitos já impostos. A Geografia que reverbera na minha terra, que também é minha pele, é aquela que a partir da vida se faz e se constrói. Não ao contrário. Uma escolha que mergulha na vida, no fenômeno que se desvela e se transforma continuamente no mundo. Escolho essa Geografia porque ela me possibilita, antes de tudo, ser-com a Terra, os outros, o mundo.

A heurística que subverte e inaugura um novo olhar sobre a forma de fazer, para mim, no encontro com a fenomenologia. Nas minhas geografias, foi a fenomenologia que aterrou o pensamento e, a um só tempo, também me permitiu voar. Essa forma de pensar e ver o mundo se apresentou para mim de formas coletivas, em corpos, que nesses anos de pesquisa escreveram junto comigo. A mirada para o que já aconteceu, para o que o se imagina e anseia que pode vir a acontecer, para a dimensão do que se sente, para o que ainda não tem nome nos mostra a dimensão da vida que só tem sentido quando assumidas as ambiguidades de existir.

Não há Ser sem lugar, à medida que as experiências, em menor ou maior grau, estão nos atravessando a todo momento. Não há como recusar o convite do mundo enquanto vivemos nele. Ser é estar no mundo e ter nossos lugares atravessados por ele. O lugar se dá no encontro e o encontro é lugar (Paula, 2024).

Para mim, quando penso no corpo como lugar, ou melhor, no meu corpo como lugar, e como se dá essa experiência com o Outro e com o mundo, logo me vem e a mente as vivências que constantemente me perpassam na rua. Meu corpo de mulher, de mulher negra carrega um

sentido (Paula, 2024). Meu corpo enquanto lugar no mundo carrega e é atravessado por experiências no mundo e dos outros – até mesmo essa definição da minha existência que acabo de apresentar.

A geografia que aqui reivindico é essa que se faz na literatura de escrevivência: a da vida que se cria, que se pode rasurar, extrapolar, reescrever, fluir em rompimento com qualquer dualidade e totalidade objetificadora. É essa a geografia do chão que pisamos, da constituição enquanto seres-no-mundo aparece em cada linha da literatura feita pelas autoras que aqui escolhi trabalhar.

Nessa escrevivência feita por mulheres há, incansavelmente, a explicitação da relação com o mundo, do encontro que se estabelece na experiência da vida. Por isso, mais uma vez, coloco aqui a importância de ter a fenomenologia como o chão para esse caminho, sendo a raiz que me impulsiona para o crescimento de um fazer que tem como centralidade o entrelaçamento da experiência no mundo, em um compromisso radical com a alteridade do que é e do que pode ser a vivência de uma mulher em diferentes circunstâncias e relações, que reivindicam sempre uma abertura de vir-a-ser de possibilidades e de construção de um futuro outro, em aberto.

É na força da experiência com o mundo, tecendo uma sensível geograficidade, que acontecem essas histórias. Não seria possível existir nenhuma das linhas aqui escritas se a relação com o mundo que me constitui enquanto uma mulher negra, doutoranda, e tantos outros atravessamentos não estivessem aqui abertos e dilacerados, às vezes enquanto uma ferida aberta que ainda sangra, outras como um júbilo de alegria no mergulho tão esperado no fim de tarde de um dia de verão (Paula, 2020).

Hoje olho para minha história com a intencionalidade de construção de uma Geografia que hoje quero e faço parte, percebo que essa escolha pode ter sido pontual e também pode ser localizada, mas antes mesmo de se realizar enquanto possibilidade de profissão, a geografia sempre esteve comigo, presente na experiência de um corpo no mundo. Um corpo que aqui escreve, e anseia continuar escrevendo suas geografias em uma Geografia que só se vinga com nossas experiências.

V. Vingar é verbo e ser também

Neste trabalho tentei empreender uma jornada de defesa pela existência de uma Geografia que nos encontra. Esse encontro é constituinte de quem somos e, por isso, revela também nossas geografias tecidas a partir de nossas experiências com e no mundo. Ter nas palavras a vingança é ter também a abertura para ser, enquanto verbo, que se faz e se transforma em movimento. A vingança, como clamam de diferentes formas Ernaux (2023) e Evaristo (2017, 2018, 2024) é ação de nascimento, de transformação, de rasura do que antes foi dito que não poderia ser visto e alcançado por nós, mulheres. A vingança a qual nos referimos reivindica nossa presença nos espaços que foram outrora interditados. Essa ação, portanto, se faz com e partir do mundo que nos circunda, nos institui.

Trazendo o sentido de escrevivência a partir de Conceição Evaristo, vemos uma radicalidade que insurge como abertura e enfrentamento dos afastamentos antes impostos às mulheres dentro e fora da escrita. A escrevivência nasce como reivindicação de podermos ser para além do que postulam as estruturas científico-patriarcais. Dessa maneira, as escrevivências mostram-se como grande potência para uma Geografia com a qual escrevemos e nos inscrevemos, fazendo vingar o nascimento dessa abertura.

Aqui ganha também impulso o compromisso com uma coletividade: é a partir da nossa relação com os outros que existimos e, assim, fazemos também nossa escrita emergir uma escrita que desvela uma responsabilidade com a experiência de um nós em constante construção. Por isso, destaco aqui que a possibilidade de escrevirmos nossa Geografia é uma abertura latente que converge no encontro com o corpo, com a experiência. Encontro esse que se faz no mundo, no lugar, mostrando que a reivindicação pelas nossas existências quando escrevemos é também contestação do reconhecimento de nossas geografias, que por tanto tempo foram extirpadas do fazer científico. O que pode nossa Geografia escrever? Escrevendo com o corpo, a Geografia pode e deve escrever sobre nós. Sobre o mundo que só se realiza com nossas geografias.

VI. Referências

- Beauvoir, S. (2016). *O segundo sexo: fatos e mitos*. (3a. ed.). Nova Fronteira.
- Beauvoir, S. (2020). *Memórias de uma moça bem-comportada*. Nova Fronteira.
- Cixous, H. (2022). *O riso da medusa*. Bazar do Tempo.

- Ernaux, A. (2023). *A escrita como faca e outros textos*. (M. Delfini Trad.). Fósforo.
- Evaristo, C. (2018). *Olhos d'água*. Pallas.
- Evaristo, C. (2020). A escrevivência e seus subtextos. In: Duarte, C. L., & Nunes, I. R. (Orgs.). *Escrevivência: a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Mina Comunicação e Arte.
- Evaristo, C. (2020). Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita. In: Duarte, C. L., & Nunes, I. R. (Orgs.). *Escrevivência: a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Mina Comunicação e Arte.
- Ferrante, E. (2023). *As margens e o ditado*. (L. Alves Trad.). Intrínseca.
- Oliveira, L., & Marandola Jr, E. & Oliveira, L. (2009). Geograficidade e espacialidade na Literatura. *Geografia*, 34(3), 487-508.
<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/4795/3949>
- Oyeyumi, O. (2021). *A invenção das mulheres: A construção africana dos discursos ocidentais sobre gênero*. (W. F. Nascimento Trad.). Bazar do Tempo.
- Paula, F. C. (2017). *Resiliência encarnada do lugar: vivência do desmonte na Linha (Brasil) e em Mourenx (França)*. [Tese de doutoramento, Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas]. Repositório Aberto da Universidade Estadual de Campinas.
<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/989548>
- Paula, F. C. (2020). Ferida de outono: Sobre literatura, corpo e presentificação da geograficidade. *Revista da ANPEGE*, 16(31), 243–258.
<https://doi.org/10.5418/ra2020.v16i31.12541>
- Paula, F. C. (2024). Ser corpo-negro: con-vívio, dis-córdia e presença nos lugares e territórios. In: Silva, C. A.; Furlan, R. (Orgs.). *Figuras da carne: diálogos com Merleau-Ponty*. Cultura Acadêmica.
- Silva, J. M. (2020). Relatos de si': eu, a Geografia e o indizível no campo científico. *Caderno Prudentino de Geografia*, 2(42), 173-189.
<https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7888/0>
- Telles, L. F. (2020). *Durante aquele estranho chá*. Companhia das Letras.
- Tuan, Y-F. (2013). *Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência*. (L. Oliveira Trad.), EDUEL.

